



Sesc^{tv}

EDIÇÃO N.119 / FEVEREIRO DE 2017

CARNAVAL

PRODUÇÕES MOSTRAM A DIVERSIDADE DO CARNAVAL NO BRASIL

MÚSICA

ERYKAH BADU APRESENTA

O NEO SOUL NO FESTIVAL BATUQUE

SUPER LIBRIS

NUNO RAMOS UNE ARTES

PLÁSTICAS E LITERATURA

musical

Hermeto Pascoal & Nave Mãe

15/3, quarta, às 22h

Foto: Divulgação

Assista online: sesctv.org.br/aovivo



/SESCTV

índice

DESTAQUES

- 4 Os vários carnavais do Brasil
- 6 Ao encontro do eu interior
- 7 Experimental e apimentada
- 7 Choro, valsa e carnaval

ENTREVISTA

- 8 Elena Soarez: Do acaso ao roteiro

ARTIGO

- 12 “Carnaval e audiovisual: é preciso ir além dos estereótipos” por Marcos Aurélio da Silva

ÚLTIMO BLOCO

- 14 Neste mês



capa

BR1-020 - Baiana escola de samba carnaval Rio de Janeiro

Foto: Divulgação

editorial

Tradições e diferenças

Danilo Santos de Miranda

Diretor Regional do Sesc São Paulo

Considerado uma das festas mais simbólicas e tradicionais do país, o carnaval vindo do Oriente Médio e da Europa manteve suas características transgressoras, representadas pela fantasia e pelo ato de se fantasiar, mas encontrou no Brasil outros elementos, característicos de cada região, com os quais se misturou e compôs diferentes formas de brincar.

Neste mês, o SescTV exhibe produções que destacam maneiras variadas de festejar o carnaval no Brasil. Na série Coleções, episódios como *Festas Brasileiras: Carnaval e Frevo* apresentam curiosidades sobre as manifestações populares nas ruas e os diferentes ritmos que as embalam. O episódio *Praça da Estação (MG)*, da série Arquiteturas, mostra o carnaval por meio das ocupações culturais no centro da capital mineira. Na série Temporal, o episódio *O Choro da Cuíca* aborda a relação entre diferentes gerações de integrantes nas escolas de samba de São Paulo. A vida e a trajetória do músico gaúcho Octávio Dutra, um dos precursores do chorinho, compositor de valsas e marchinhas, é tema do documentário *Espia Só*.

E ainda, o episódio da série Super Libris *Quem Experimenta Não Põe Pimenta* discute a literatura experimental a partir da obra do escritor e artista plástico brasileiro Nuno Ramos. Na faixa musical, a cantora norte-americana Erykah Badu apresenta seu repertório neo soul, em show gravado no Festival Batuque, no Sesc Santo André, que contou também com as apresentações de Sombra, Hurtmold, Karol Conká e Metá Metá.

A roteirista Elena Soarez fala, em entrevista, sobre a importância do roteiro no cinema e na TV. O artigo do pesquisador Marcos Aurélio da Silva discute a representação do carnaval no audiovisual. Boa leitura! ●

Os vários carnavais do Brasil

A diversidade cultural brasileira revela que uma das festas símbolo do país não é singular, mas plural, ao reunir tradições e ritmos de várias regiões



Episódio *O Choro da Cuíca*, da série *Temporal*

Um

Um das manifestações mais populares do Brasil, o carnaval teve sua origem na Antiguidade, surgido na Mesopotâmia, Grécia e Roma. No início, festejos pagãos celebravam grandes colheitas e divindades, através da subversão de papéis sociais. Por alguns dias, plebeus se fantasiavam de reis e reis de plebeus, homens se vestiam de mulheres e vice-versa, em celebrações que brincavam com a relação entre o divino e o profano. Elas se incorporaram nas tradições

de povos ocidentais, variando de acordo com seus hábitos, costumes e regiões.

No Brasil, o carnaval desembarcou durante o período colonial. Vinda de Portugal, a primeira manifestação que remetia às festas carnavalescas foi o entrudo, que na colônia era praticado pelos escravos. Logo depois surgiram os cordões, as festas de salão, os cortejos, os desfiles e as escolas de samba. A diversidade cultural que se desenvolveu no país, através da música e da herança africana,

SESCTV APRESENTA PRODUÇÕES QUE DESTACAM AS VÁRIAS MANEIRAS DE FESTEJAR O CARNAVAL NO BRASIL



FOTO: DIVULGAÇÃO

com seus ritmos e danças, impediu que o carnaval brasileiro fosse materializado apenas em uma única festa. Aqui, o carnaval é um conjunto de festejos que se manifestam em passos de samba, de frevo, de maracatu, de axé; nos singelos e populares blocos de rua e nos suntuosos e midiáticos desfiles de escola de samba.

“Quando a gente sai na rua cantando e topa fazer essa brincadeira sem carro de som, a gente está resgatando uma forma de brincar”, comenta

Kiko Horta, fundador do bloco carioca Cordão do Boitató. Ele reforça a importância dos blocos que, a cada ano, retomam sua força e mostram aos brasileiros que é possível se divertir com pouco.

O resgate do carnaval de rua é uma resposta aos grandes desfiles de escolas de samba que, apesar da beleza e exuberância, restringem o acesso do público através da cobrança de ingressos caros, como aponta Cristiane Cotrim, do Cordão do Boitató: “Ocupar a rua é que é o grande barato. É fazer o carnaval à sua própria forma. Se não me agrada ir ao sambódromo ou eu tô sem dinheiro, então eu vou pra rua. Junto meus amigos, e a gente com pouca coisa faz uma brincadeira das melhores”.

Para Renatinho Partideiro, intérprete do bloco Cacique de Ramos, carnaval é sinônimo de liberdade. “Quando você se propõe a desfilar num bloco, você sabe que vai para a folia. Não tem aquela obrigação de seguir regulamento. O único regulamento ali é a alegria”, conta.

As histórias dos blocos de rua cariocas são tema de *Carnaval*, episódio do programa *Coleções*. A série aborda a cultura brasileira a partir de festas populares, danças, ritos religiosos e ritmos, como o *Frevo*, principal expressão do carnaval pernambucano e tema de outro episódio exibido este mês pelo SescTV.

A série *Arquiteturas* também aborda o carnaval, através das ocupações realizadas no centro da capital mineira, em *Praça da Estação*. “O carnaval se construiu dentro de territórios simbólicos mais do que de uma lógica de eventos”, comenta o músico e historiador Guto Borges, que vê as ocupações como formas de dar sentido ao espaço público de Belo Horizonte.

Outra atração que destaca a diversidade dos carnavais no Brasil é *O Choro da Cuíca*, da série *Temporal*. O episódio mostra a força do samba ao reunir diferentes gerações nas escolas de samba de São Paulo. ●



COLEÇÕES: FESTAS BRASILEIRAS - CARNAVAL
DIA 25, 13H30

Direção Geral:
Belisario Franca
Classificação: 10 anos

ARQUITETURAS: PRAÇA DA ESTAÇÃO (BH)

Dia 25, 21h
Direção: Paulo Markun e Sérgio Roizenblit
Classificação: Livre

COLEÇÕES: FREVO

Dia 26, 13h30
Direção Geral:
Belisario Franca
Classificação: 10 anos

TEMPORAL: O CHORO DA CUÍCA

Dia 28, 23h
Direção: Kiko Goifman
Classificação: 10 anos



Assista ao teaser dos programas:





FOTO: FERNANDO EDUARDO

Ao encontro do eu interior

Ícone do neo soul, Erykah Badu apresenta suas composições no Festival Batuque e defende a música não só como arte, mas como forma de meditação

┌
“Meu nome é Erykah Badu, também conhecida como Badoula Oblongata. Porque eu sou uma doula, uma curandeira”, conta a artista norte-americana. Sara Bellum, She Ill, Fat Belly Bella, Analong Girl e Manuela Maria Mexico são outros nomes que utiliza para se expressar como cantora, atriz, modelo e performer. Na juventude, alterou a ortografia de seu primeiro nome, de Erica para Erykah, incorporando o termo ‘kah’ – do árabe, o “eu interior”.

Nascida em 1971, na cidade de Dallas, formou-se em teatro e artes visuais, por influência da mãe, a atriz Kollen Wright. Compôs sua primeira canção com apenas sete anos. Seu primeiro álbum solo, *Baduizm*, lançado em 1997, mescla R&B, soul, funk e hip hop.

Aclamado pela crítica e pelo público, conquistou a 1ª posição entre os Melhores Álbuns de R&B/Hip-Hop da revista Billboard e recebeu três vezes o disco de platina e um disco de ouro. Vencedora de 4 prêmios Grammy, a cantora tem oito álbuns lançados e é considerada a expoente do neo soul.

Erykah Badu apresentou seu repertório na quarta edição do Festival Batuque, realizado no Sesc Santo André. O evento dedicado à música negra contou com a presença de vários artistas brasileiros, entre os quais Karol Conká, fã confessa da cantora norte-americana. “É uma das minhas influências master na atitude. Meu trabalho é diferente, mas ela me influenciou pelas atitudes e melodias”, comenta. Além delas, subiram ao palco do festival as bandas Sombra, Hurtmold e Metá Metá. ●



FESTIVAL BATUQUE: SOMBRA, HURTMOLD, KAROL CONKÁ, METÁ METÁ E ERYKAH BADU DIA 22, 22H.

Direção para TV: Daniel Pereira. Classificação: Livre.

FOTOS: PIU DIP



Experimental e apimentada

DIA 27, 21H. Super Libris. Direção: José Roberto Torero. Classificação: 12 anos.

O experimentalismo é uma qualidade difícil de isolar em qualquer obra de arte. Segundo o escritor e artista plástico brasileiro Nuno Ramos, a arte moderna, que abriu caminhos para o experimental, foi feliz ao relacionar cada atuação sua a uma reação. “Ela feria alguém com muita felicidade, tocava em alguma coisa negada com muita facilidade”. Experimentalismo e técnica não são características desassociadas. O escritor defende sua coexistência e cita Carlos Drummond de Andrade, que tinha grande domínio de ambos, além de João Cabral de Melo Neto e Manuel Bandeira. “É preciso muita técnica para parecer que não tem. O desafio é fazer com que pareça simples”, comenta. Ramos acredita que a arte só avança pela ruptura, que é uma reação à clausura do ser, e diz que “a arte vem porque a vida enche o saco”. A entrevista com o escritor é destaque do episódio *Quem Experimenta Não Põe Pimenta*, da série Super Libris. Nela, ele fala sobre literatura experimental e problematiza questões sobre a arte, que para ele “é a conexão com algo que não está tendo voz”. ●

FOTOS: ACERVO



Choro, valsa e carnaval

DIA 25, 12H. Documentário. Direção: Saturnino Rocha. Classificação: Livre.

Foi no início do século XX que o músico gaúcho Octávio Dutra compôs sua primeira valsa. Ele tinha apenas 15 anos e comporia muitas outras obras, entre marchinhas de carnaval para os primeiros blocos de Porto Alegre, sambas e choros. “Um mestre. Ele sabia fazer qualquer coisa ali, dentro do campinho dele, que era absolutamente vasto”, comenta o músico e pesquisador Arthur de Faria. A influência musical veio de berço, seu pai era flautista, gostava de fazer poesia e compor modinhas. “Os saraus familiares foi seu período de iniciação musical, onde ele conheceu o violão, o bandolim”, recorda o pesquisador Márcio de Souza sobre Dutra, considerado o introdutor desses instrumentos na música gaúcha. Quando adolescente, participou de grupos de serenatas e decidiu viver de seu ofício. “Ele tocava em casamentos, em missas, pra ganhar o dinheiro dele, dando aulas, tocando em teatro. Ele viveu exclusivamente da música”, conta a sobrinha neta do músico, Sonia Paes Porto. A vida e a obra do maestro Octávio Dutra, um dos precursores do chorinho no Brasil, é tema do documentário *Espia Só*, que aborda a trajetória do músico e seu legado cultural. ●

ELENA SOAREZ. ROTEIRISTA DE CINEMA E TV.

Autora discute a importância do papel do roteirista e as mudanças no mercado audiovisual brasileiro

Do acaso ao roteiro

Elena Soarez nunca teve uma relação muito forte com o cinema e a televisão. Seu negócio era a literatura. Começou a ler quando criança. Nunca foi cinéfila, tampouco era apaixonada por televisão. Aos 29 anos, formada em Economia e com mestrado em Antropologia Social, se viu sem trabalho e profissão definida. Começou a escrever vídeos institucionais e recebeu convites de amigos para desenvolver roteiros de filmes e séries. E, assim, assinou trabalhos premiados como *Eu, Tu, Eles*, *Cidade dos Homens*, *Casa de Areia*, *Filhos do Carnaval*, *Nome Próprio* e *Xingu*. Prepara o roteiro de uma série sobre a operação Lava-Jato para a Netflix internacional e hoje é uma das roteiristas brasileiras mais produtivas do mercado audiovisual.

O que a levou a trabalhar com roteiro?

Durante a graduação, trabalhei como pesquisadora no departamento de economia. Depois, fui fazer mestrado. Sempre considerei uma carreira acadêmica para mim, mas o tempo todo eu dava uma esbarrada no cinema. Fazia uns bicos em produção, ou produzia sozinha. Quando estava na produção, sentia falta da pesquisa. Então, eu me encontrei no roteiro, que fica no meio disso. Foi um nicho em que me senti confortável, na medida certa para mim, que gosto e tenho disciplina para ficar sozinha escrevendo.

Como é seu processo de produção?

Cada caso é um caso, pois as histórias chegam de formas muito diferentes. Tem gente que chega e pede para adaptar um livro, o que é raro. Uns chegam apenas com uma ideia, em geral muito incipiente. Hoje, as coisas estão mudando, tem

uma indústria nascendo, mais robusta e tal. Antes eram caras isoladas que vinham com desejos difusos de fazer um filme sobre alguma coisa. Era um suplício até chegar ao argumento. Durante 20 anos, trabalhei sob encomenda. Antigamente, os diretores começavam o processo, não o produtor. Esse era o modelo no Brasil, com um cinema mais de autor: o diretor encasqueta que vai fazer um filme, escolhe um roteirista e começa a desenvolver. Hoje, já existem os filmes de produtor; eu mesma já fui procurada por alguns, mas é algo recente e limitado.

Você escolhe seus temas ou os temas a escolhem?

Comecei a escrever roteiros para a Conspiração Filmes. Emendei vários trabalhos com eles e a parceria seguiu por dez anos. Agora, estou há 15 anos com a O2 Filmes. Durante esse tempo, trabalhei atendendo desejos alheios. O que foi ótimo, porque, na verdade, era só um pretexto para escrever. Recentemente, voltei a trabalhar com meu marido, o diretor Luciano Moura, que fazia publicidade e estava muito a fim de fazer ficção. Ele precisava de um roteirista, e não tinha como não ser eu. Ele me deu algumas opções e escolhi três temas para desenvolver um roteiro. Lançamos o filme *A Busca*, em 2012, com o Wagner Moura no papel principal. Foi tão legal que a gente não parou mais de trabalhar juntos. Cada um com sua carreira, mas com vários projetos juntos.

Como conseguem emplacar seus projetos?

Muitos deles fazemos pela O2, que funciona com um portal. Alguns canais de televisão, como





RAIO-X
ELENA SOAREZ,
RIO DE JANEIRO (RJ)

Formação
Economia e Antropologia

Alguns trabalhos

- Xingu (2011)
- Cidade dos Homens (2007)
- Filhos do Carnaval (2006)



“Escrevo para me manter viva. Escrevo porque é a única coisa que eu faço.”



“O roteirista tem mais poder na TV do que no cinema. O roteirista de cinema não escolhe elenco, não escolhe nada. Eu não procuro isso, mas é fato. Na televisão, em especial nas novelas, o autor é sempre o destaque.”

“A arte é a resposta possível diante da não resposta. Posto que não tenha resposta, a gente se enrola inventando respostas parciais por meio da arte, pois a grande resposta para as nossas questões a gente não tem.”

»»

HBO e Globo, batem lá à procura de projetos. Assim, através da produtora, a gente consegue apresentar nossas propostas para diversas pessoas. No ano passado, a Globo escolheu um projeto nosso, a série *13 dias longe do Sol*, que tem direção geral do Luciano, roteiro meu e previsão de estreia em 2017.

Como é a relação entre roteirista e diretor?

A relação tem que ser saudável para funcionar. Como no Brasil, quem escolhe roteirista é o diretor, ele procura por afinidade. Tive muita sorte. Me dei muito bem com o Andrucha e fiz 3 filmes com ele. A gente é louco para voltar a trabalhar junto, mas não consigo, porque também me dei muito bem com o Cao Hamburger, fazendo filmes e séries, como *Filhos do Carnaval*. Foi uma maravilha, adorava trabalhar com ele. E deu muito certo com o Luciano também.

O trabalho do roteirista é sempre um ofício individual?

Sempre escrevi sozinha, mesmo quando não sabia o que estava fazendo. Hoje, tenho uma assistente que me ajuda a estruturar todo o trabalho. Quando escrevi pela primeira vez, a convite do Andrucha Waddington, não tinha a menor ideia do que era um roteiro. Nunca tinha visto um na minha frente. Fiz centenas de versões para *Eu, Tu, Eles*. Uma delas foi selecionada para o laboratório do *Sundance Film Festival*, no Brasil. Foi então que roteiristas consagrados me deram consultoria, me deram um norte. Leram meu roteiro e me ensinaram. Laboratórios como esse são superimportantes. Você fica ali lutando na história e vai vendo todas as coisas erradas que faz.

Como foi a transição do cinema para a televisão?

Foi ótima. Nunca tinha escrito para a TV. *Filhos do Carnaval* foi minha primeira série, e também a primeira da HBO no Brasil. Escrevi num conforto danado, porque foram dois anos para desenvolver. Tinha um orçamento bastante confortável. Ou seja, uma circunstância que não é comum na TV aberta, onde o negócio é muito mais industrial e acelerado. Mas isso também está mudando. Alguns canais já financiam projetos a partir da aprovação dos pilotos. Mas é um esquema muito recente.

A que você atribui essas transformações no cenário audiovisual?

Atribuo à concorrência. Hoje, você tem vários canais pagos e mil plataformas disputando audiência. Meus filhos não têm mais TV. Quando eu era pequena, as TVs eram paradas no botão 4, a Globo, no Rio de Janeiro. Ninguém trocava de canal. Agora, 30 anos depois, não tem mais televisão. As crianças assistem a tudo pelo celular. Os canais de televisão tiveram que correr atrás. Acho uma maravilha porque isso gera mais emprego.

Os roteiristas se profissionalizaram?

Isso é muito palpável. Antes, era muito artesanal. Agora, deve ter umas cinco ou seis equipes de profissionais *prime* no Brasil que estão fazendo séries aqui e lá fora. Dois fotógrafos com quem meu marido trabalhava estão fazendo séries internacionais: Adriano Goldman assinou a fotografia de *The Crown*, e Adrian Teijido, de *Narcos*. Tem equipes que circulam pelo mundo. Tivemos que nos especializar por causa da concorrência, o que foi muito bom. Você aprende na marra, pois tem que trabalhar.



ELENA SOAREZ EM TRÊS ROTEIROS



■ *Xingu* (2011). Direção: Cao Hamburger.



■ *Cidade dos Homens* (2007). Direção: Paulo Morelli.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



■ *Filhos do carnaval* (2006). Direção: Cao Hamburger.

Quais as diferenças entre escrever um filme e uma série?

O roteiro de um filme requer mais profundidade e assertividade. É como um tiro: você levanta, atira e acabou. Já o de uma série tem mais desdobramentos, você pode ir pra lá e pra cá, pode trabalhar melhor os personagens. O roteirista tem mais poder na TV do que no cinema. O roteirista de cinema não escolhe elenco, não escolhe nada. Eu não procuro isso, mas é fato. Na televisão, em especial nas novelas, o autor é sempre o destaque: uma novela de Manuel Carlos, ou de Gilberto Braga etc. A novela é do autor, não do diretor. A gente sabe quem dirige, mas é o escritor que prevalece. Criador de série também tem muito prestígio. Para o roteirista, isso é uma expansão de seu trabalho, são mais portas que se abrem.

Como foi trabalhar a temática do carnaval em uma série de TV?

Quando a HBO chegou com a palavra “carnaval” e pediu uma série sobre o tema, eu e o Cao ficamos apavorados. Pensava na porta-bandeira e no mestre-sala, e não queria isso porque toda produção sobre carnaval era estereotipada. Muito difícil de escapar. Refleti com o Cao sobre como a gente poderia fugir do clichê e me lembrei da minha dissertação de mestrado sobre o jogo do bicho. No Rio de Janeiro, os bicheiros são donos das escolas de samba. Então, propus fazermos um roteiro sobre uma família de bicheiro, algo que abordasse mais a máfia do que propriamente o carnaval. Uma versão brasileira da série *Os Sopranos*, com família, com chefão. Deu certo. Fizemos por quatro anos.

Por que você escreve?

Escrevo para me manter viva. Escrevo porque é a única coisa que eu faço. Se não fizesse isso, eu me desligava. Tchau. Eu encontro no meu trabalho a única resposta possível para tudo o que não tem resposta. A arte é a resposta possível diante da não resposta. Posto que não tenha resposta, a gente se enrola inventando respostas parciais por meio da arte, pois a grande resposta para as nossas questões a gente não tem. ●

Carnaval e audiovisual: é preciso ir além dos estereótipos

Marcos Aurélio da Silva é doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e graduado em Comunicação Social pela mesma universidade. Atualmente é professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso, atuando nas áreas de Antropologia Urbana, do Cinema, do Gênero e da Performance.

por Marcos Aurélio da Silva imagem Prawny

A relação entre carnaval e audiovisual oferece algumas possibilidades interessantes de reflexão. A começar pelos elementos da experiência carnavalesca que são, principalmente mas não apenas, audiovisuais, ou seja, som e imagem lhe dão forma e conteúdo. Ninguém apenas ouve carnaval ou vê carnaval – exceto as pessoas com restrições de audição ou visão, obviamente, cuja experiência com o carnaval deve guardar certas peculiaridades. Mas, em geral, é a junção dos aspectos visuais de fantasias, alegorias e corporalidades com os aspectos sonoros do samba, do frevo, do coco, do maracatu e das marchinhas – e a lista de gêneros poderia ser ampliada caso incluíssemos carnavais de outros países – que produzem uma experiência multissensorial.

É importante ressaltar o quanto esses aspectos audiovisuais do carnaval fazem dele – em todas as suas vertentes – uma das festas populares mais representadas nas produções audiovisuais brasileiras. Nos filmes, nos documentários, nas telenovelas ou nas transmissões anuais da televisão, o carnaval se mostra como uma festa representável e capaz de atrair milhares de

espectadores em praticamente toda a história do audiovisual brasileiro. No cinema, é impossível não citar que, já nas primeiras décadas, o carnaval esteve em *Favela dos meus amores* (direção de Humberto Mauro, 1935), com a presença da Portela em sua narrativa. Ou em *Alô, alô carnaval* (direção de Adhemar Gonzaga, 1936), que contou com Carmen Miranda, um ícone desse cinema e das marchinhas de carnaval dos anos 30. O carnaval foi destaque nas chanchadas da Atlântida, como em *Carnaval Atlântida* (direção de José Carlos Burle, 1952) e outros que traziam cantores e marchinhas que se tornariam sucesso nas ruas e rádios. Ou ainda no precursor do Cinema Novo, *Rio 40 graus* (direção de Nelson Pereira dos Santos, 1955), que apresenta um ensaio da Unidos do Cabuçu sendo visitada por integrantes da Portela, em suas muitas visões sobre o Rio de Janeiro.

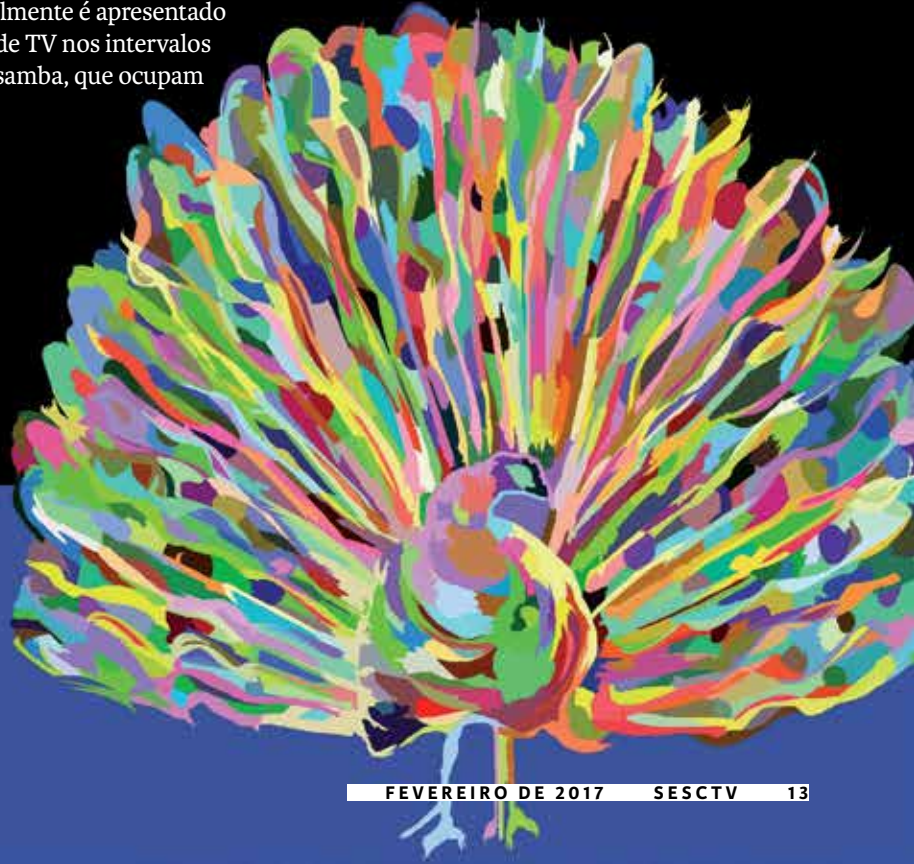
A lista é imensa e ainda conta com as duas versões da peça *Orfeu da Conceição*, de Vinícius de Moraes – Orfeu Negro, dirigido por Marcel Camus em 1959, e *Orfeu*, dirigido por Cacá Diegues em 1999, filme que teve cenas gravadas

na Sapucaí, durante o desfile da Unidos do Viradouro. Além disso, desde os anos 1970, o cinema documentário também tem produzido pérolas sobre o carnaval, sempre dando destaque às festas mais tradicionais, aos personagens de maior destaque nas agremiações carnavalescas ou até mesmo mostrando os passos da produção desses desfiles que se espriam pelas ruas das cidades levando o nome de suas comunidades. São documentários que, ao mostrarem os passos do desenvolvimento de desfiles, apontam as muitas formas de resistência presentes no carnaval brasileiro, seja a partir de moradores das favelas marginalizados que mostram suas artes musicais e plásticas num espaço privilegiado da cidade, trabalhadores rurais do maracatu, participantes de blocos, escolas e grupos que lidam com as inovações da festa, seja a partir de críticas às desigualdades sociais que tais contextos podem ressaltar.

Já as transmissões ao vivo não fogem a certos estereótipos. O mais frequente deles, também presentes nas reportagens de TV sobre carnaval, talvez seja aquele que divide o Brasil por tipos de festas. Assim, o carnaval das escolas de samba parece acontecer somente no Rio de Janeiro e em São Paulo; os trios elétricos ou os afoxés, apenas na Bahia; o maracatu e os blocos de frevo, em Olinda e Recife; o bumba-meu-boi, em Manaus; e as festas de reggae, em São Luís do Maranhão. Esse mosaico de festas geralmente é apresentado pelas principais emissoras de TV nos intervalos dos desfiles das escolas de samba, que ocupam

toda a programação de pelo menos quatro noites, em giros pelas capitais e grandes cidades brasileiras mais conhecidas por seus carnavais. Num desses giros, se costuma ouvir frases do tipo: “Em Manaus (ou São Luís) o ritmo é outro”, com uma sequência de imagens com desfiles de grupos de bumba-meu-boi no bumbódromo da cidade (ou de multidões ao som do reggae na capital maranhense). Nenhuma palavra para se referir ao sambódromo de Manaus ou à passarela do samba de São Luís que, na mesma noite, recebem as escolas de samba de suas cidades, com sua inegável ligação com os desfiles de origem carioca. O mesmo acontece com cidades como Natal, Belém, Florianópolis, Vitória, Belo Horizonte, Cuiabá ou Porto Alegre, cujo mesmo carnaval de escolas de samba costuma ser negligenciado pelas transmissões em rede nacional das TVs. O mesmo talvez possa ser dito dos maracatus e afoxés que desfilam pelo sudeste e no sul, além de outras festas que cruzam o país.

A diversidade do carnaval brasileiro desafia o modelo das transmissões televisivas, que poderia abranger festas que fogem do estereótipo. Enquanto isso, parece que são mesmo os documentários e as plataformas online que podem colocar mais em evidência essa pluralidade, compartilhando imagens das mais diferentes e inusitadas festas, mas isso é tema para outra conversa. •





Dia 24, 23h

LAMARTINE BABO Dramaturgia. Direção para TV: Fabiola Braga. Classificação: 10 anos.

Autodidata, Lamartine de Azeredo Babo compôs canções de vários gêneros, mas se destacou com as marchinhas que lhe renderam o título de Rei do Carnaval. Com texto de Antunes Filho, o musical é inspirado na obra do dramaturgo italiano Luigi Pirandello.

Dia 19, 20h

PEDOFILIA

Filosofia Pop. Direção: Esmir Filho. Classificação: 12 anos.

Considerada uma perversão humana pela sociedade contemporânea, a pedofilia é envolta por tabus. “Nossa cultura é apaixonada pelo desejo. Esta sociedade capitalista e consumista é quase pedófila estruturalmente, pois nos torna seres desejantes de tudo e de todos”, afirma a psicanalista Maria Lúcia Homem. Junto a ela, o psicanalista e professor do Instituto de Psicologia da USP, Chris Dunker, debate esse complexo comportamento humano, com mediação de Marcia Tiburi.

Dia 8, 21h

MEIO AMBIENTE

Galáxias. Direção: Isa Grinspum Ferraz. Classificação: Livre.

Segundo o líder indígena Ailton Krenak, existe no Brasil uma concessão do pensamento ambientalista ao pensamento de mercado. “Nós assistimos à mudança do código florestal onde ambientalistas perderam de dez a zero. Assistimos ao avanço das corporações em cima dos territórios. Não era admitido que eles pisassem e estão pisando à vontade.” Pensadores brasileiros de diversas áreas discutem importantes questões ambientais em episódio da série Galáxias.

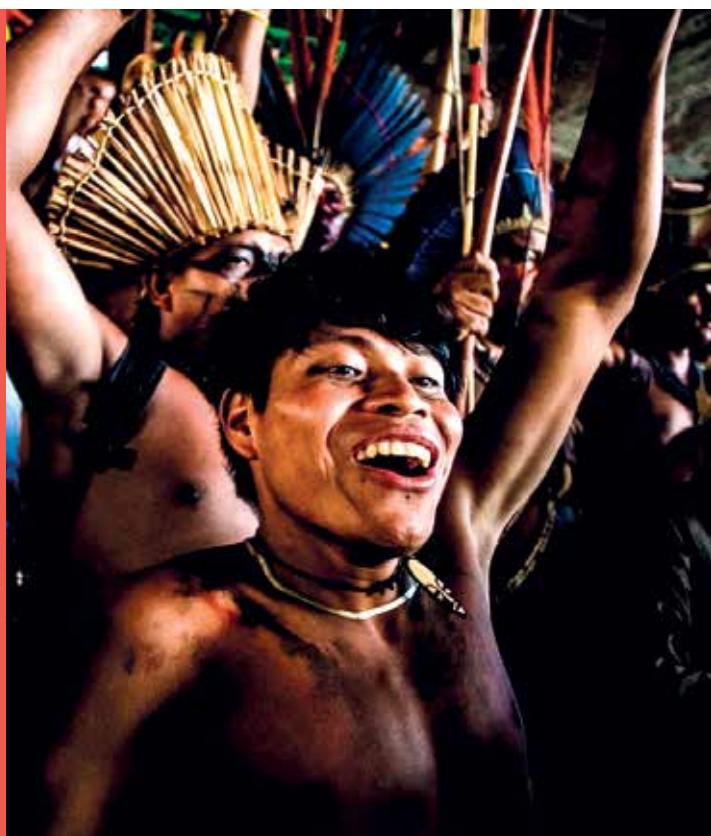


FOTO: DIVULGAÇÃO



Dia 17, 22h

DIVERSIDADE SEXUAL

Contraplano. Direção: Luiz R. Cabral. Classificação: 16 anos.

Para Tadeu Chiarelli, professor e curador de Artes Plásticas, as relações humanas são maiores que as divisões de gênero. Junto ao palhaço, dramaturgo e diretor Hugo Possolo, Chiarelli discute a representação da diversidade sexual no cinema nacional e internacional, em episódio da série Contraplano, a partir da análise de filmes como *Madame Satã* (foto), *Como Esquecer, XXY* e *Morango e Chocolate*.

Dia 26, 21h30

MALDITAS OVELHAS!

Instrumental Sesc Brasil. Direção: Max Alvim. Classificação: Livre.

A partir de experiências musicais compartilhadas numa república de estudantes de Ciências Sociais, em Araraquara, nasceu em 2006 o quarteto Malditas Ovelhas! Os músicos brasileiros Bruno Almeida, Zé Guilherme, Eduardo Rodrigues e o argentino Leandro Conejo comemoram os dez anos da banda em show inédito, com composições próprias, resultado da espontaneidade e mescla de música popular, samba e música nordestina.



FOTO: NATALIA TOTTA



SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita.

Ninguém está autorizado a vender anúncios.

COORDENAÇÃO GERAL

Ivan Giannini

SUPERVISÃO GRÁFICA

Hélcio Magalhães

REDAÇÃO

João Cotrim

EDITORIAÇÃO

Lourdes Teixeira Benedan

REVISÃO

Marcelo Almada

PROJETO GRÁFICO

Marcio Freitas e Renato Essenfelder

REVISTA DIGITAL

Ana Paula Fray e Marilu Vecchio



DIREÇÃO EXECUTIVA

Valter Vicente Sales Filho

DIREÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Regina Gambini

COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Sidênia Freire

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Heloisa Ururahy

COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO

Carlos Padilha

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

João Cotrim

DIVULGAÇÃO

Jô Santana, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

ESTAGIÁRIA

Tatiana Maria Soares

Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vivo a programação do SescTV



Assista também pelo site sesc.tv/org.br/aovivo

Acompanhe o SescTV: sesc.tv/org.br



[/sescTV](http://sesc.tv)



Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



Envie sua opinião, crítica ou sugestão para: atendimento@sesc.tv

Leia as edições anteriores em: sesc.tv/org.br

Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado



cinema

Deserto Azul

direção: Eder Santos

25/3, sábado, às 22h

Foto: Divulgação

Assista online:

sesctv.org.br/aovivo



/SESCTV